

RESENHA

TRANSLOCALITIES/TRANSLCALIDADES: FEMINIST POLITICS OF TRANSLATION IN THE LATIN/A AMÉRICAS. (2014). DURHAM: DUKE UNIVERSITY PRESS, 2014.

Thaís Ribeiro Bueno*

Em 2014, o projeto coletivo *Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Américas* gerou, como resultado de mais de uma década de trabalhos desenvolvidos no campo das teorias feministas articuladas por e para mulheres provenientes de etnias minoritizadas e países periféricos, o volume *Translocalities/Translocalidades: Feminist Politics of Translation*. Publicada pela Duke University Press, a coletânea apresenta uma série de artigos que exploram as possibilidades de entendimento e análise do campo das teorias feministas como lugar a partir do qual questões relativas a gênero, sexualidade, raça e etnia são problematizadas, a partir de uma abordagem que se utiliza do conceito de tradução cultural como práxis possibilitadora de diálogos trans-hemisféricos.

Os trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto *Translocalities/Translocalidades:*

Feminist Politics of Translation in the Latin/a Américas têm suas bases seminais nas atividades desenvolvidas a partir do *Hemispheric Dialogues*, projeto criado no *Chicano/Latino Research Center* da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, nos Estados Unidos. Formado da parceria entre diversas autoras e teóricas feministas, como Sonia E. Alvarez, Claudia de Lima Costa, Norma Klahn, Lionel Cantú, Verónica Feliu, Patricia Zavella, Lourdes Martínez-Echazábal e Teresa Carillo, o grupo de pesquisa desenvolveu, em mais de uma década, inúmeras atividades e encontros com o objetivo de estabelecer discussões e análises para um olhar crítico sobre questões transversais relativas ao feminismo. Ao longo dos anos, as atividades desenvolvidas se ampliaram, tanto em escopo quanto em geografia, o que permitiu uma perspectiva e um olhar não apenas transnacional, mas também

* Doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. E-mail: thais.escrevedoria@gmail.com

trans-hemisférico, estabelecendo diálogos entre autoras estabelecidas em comunidades latinas nos EUA (ou terceiro-mundo-dentro-do-primeiro-mundo).

Algumas das autoras que participaram das atividades desenvolvidas nos anos iniciais do grupo de pesquisa estão presentes no volume como autoras e/ou organizadoras, sendo que estas últimas atuam em diversas áreas teóricas: Sonia Alvarez leciona políticas e estudos latino-americanos na Universidade de Massachusetts em Amherst e é diretora do Center for Latin American, Caribbean, and Latino Studies, na mesma universidade; Claudia de Lima Costa atua como professora na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), dedicando-se a temas como teoria literária, teorias feministas e estudos culturais; Verónica Feliu é professora de espanhol na City College of San Francisco, na Califórnia; Rebecca J. Hester leciona no Institute for the Medical Humanities, da Universidade do Texas; Norma Klahn é professora de estudos literários na Unversidade da Califórnia em Santa Cruz; Millie Thayer é professora de sociologia na Universidade de Massachusetts em Amherst e também filiada ao Center for Latin American, Caribbean, and Latino Studies.

Assim, contando com um diversificado corpo de organizadoras e autoras, a obra parte de uma abordagem transversal para discutir as formas pelas quais teorias e práticas feministas viajam através de fronteiras nacionais e limites hemisféricos, bem como os efeitos discursivos e epistemológicos causados por esse tráfego de teorias. Nesses movimentos de tradução cultural (em consonância com

o conceito de *traveling theory*, elaborado por Edward Said (1983)), elementos reforçadores de políticas nacionalistas são subvertidos por movimentos de deslocamento, imigração e transgressão para articulação entre as diversas delimitações do espaço geográfico (sejam elas locais ou globais) e as diferentes possibilidades de pertencimento e representação que constituem sujeitos traduzidos.

Nessa proposta, a tradução é entendida como prática cultural que possibilita tais movimentos, não nos termos definidos tradicionalmente (tradução unidirecional, de uma língua nacional A para uma língua nacional B, de natureza inter-nacional, ou entre nacionalidades), mas como fluxo que atravessa as próprias redes de discursos e se constitui como local privilegiado para a (re)leitura e (re)escrita desses discursos. E, por meio da adoção de um olhar que privilegia marcas de heterogeneidade dentro das comunidades terceiro-mundistas nos EUA e dos movimentos de resistência política na América Latina, a coletânea (cuja heterogeneidade já se manifesta na própria polissemia e no caráter híbrido expressos no título) revela um projeto de pesquisa que herda de autoras como as chicanas Gloria Anzaldúa e Cherríe Moraga uma concepção híbrida e multidirecional de feminismo, já celebrada no clássico volume *This Bridge Called my Back – Writings by Radical Women of Color* (1981).

Apresentados por duas introduções – uma referente ao volume como um todo, escrita por Sonia Alvarez, e outra mais especificamente relativa aos debates desenvolvidos em torno dos movimentos de tradução, de autoria de Claudia de Lima Costa –, os

capítulos da coletânea são organizados em quatro partes temáticas: “*Mobilizations/mobilizing theories, texts, images*”; “*Mediations/national/transnational identities/circuits*”; “*Migrations disrupting (b)orders*”; e “*Moviments/feminist/social/political/postcolonial*”.

Já na primeira parte, abordam-se os efeitos da mobilidade e do deslocamento (por intermédio do tráfego de teorias e práticas de “translocamento” dentro do processo de leitura) para a forma como as teorias feministas são conduzidas em um eixo trans-hemisférico norte-sul. No primeiro capítulo, a chicana Norma Klahn faz uma recuperação da produção feminista que emergiu dos movimentos políticos da década de 1970 nos Estados Unidos, revelando e problematizando as múltiplas tensões que perpassavam manifestações artísticas criadas nesse contexto, como questões de raça, etnia, sexualidade e nacionalidade. Na sequência, o capítulo 2, de autoria de Ana Rebeca Prada, propõe a pergunta desafiadora a respeito das possibilidades de tradução da chicana Gloria Anzaldúa para o público boliviano, e descreve casos de tentativas de tradução de obras da feminista chicana para o contexto político e social boliviano, bem como enormes desafios que tal empreitada representa. Já no capítulo 3, a brasileira Simone Schmidt analisa o contexto dos feminismos no Brasil e evidencia a complexidade das relações entre questões de gênero e raça, sobretudo em decorrência do passado escravocrata e patriarcal do país. No quarto capítulo, a dominicana Isabel Espinal põe em relevância as possibilidades de se tomar da tradução como tática para transformação e justiça social, a partir

da descrição de sua experiência de traduzir a poetisa dominicana Yrene Santos para o inglês. Concluindo a primeira parte, a mexicana Maritza Belausteguigoitia propõe uma abordagem tradutória baseada no conceito cunhado como *pedagogy of the double* [em português, “pedagogia do duplo”] e oferece o exemplo de uma estratégia de leitura que articula os escritos de Gloria Anzaldúa e do líder zapatista Subcomandante Marcos.

A parte II do volume apresenta escritos que abordam as dinâmicas e estruturas discursivas que afetam os trânsitos trans-hemisféricos de ideias e teorias feministas. No sexto capítulo, Claudia de Lima Costa apresenta sua experiência como editora da *Revista de Estudos Feministas*, publicada pela Universidade Federal de Santa Catarina, e discute o papel do periódico como mediador cultural de um fluxo constante de teorias, por via da tradução. No capítulo 7, a antropóloga mexicana Mária Millán dá continuação ao eixo temático, abordando os casos dos periódicos feministas *Fem*, *Debate Feminista* e *La Correa Feminista* e analisando como tais revistas contribuíram para diálogos que favorecessem a discussão da condição e da representação da mulher indígena no México, tendo como pano de fundo o Movimento Zapatista mexicano. No oitavo capítulo, Rebecca J. Hester analisa, a partir da experiência de mulheres indígenas na Califórnia, o papel de diversas instituições de saúde na construção de discursos que determinam a relação das mulheres com seu próprio corpo e as suas práticas relativas ao corpo e à saúde. No capítulo 9, Kiran Asher apresenta o exemplo das mulheres afro-colombianas

como ponto de partida para uma crítica de discursos que se apoiam em lógicas binárias tradicionais para limitar as possibilidades de articulação e discussão das condições de vida de mulheres no Terceiro Mundo. Concluindo a segunda parte, Macarena Gómez-Barris explora, no décimo capítulo, o trabalho performático da artista chilena Moyeneí Valdés como ferramenta de promoção de debates em torno do feminismo e da subversão de práticas racistas em contextos de opressão política.

Na sequência, a terceira parte do volume apresenta discussões e análises que complementam as duas primeiras partes, concentrando-se, agora, especificamente no “movimento de/atraves de corpos e fronteiras marcados por gênero, sexualidade, classe e raça que possibilitam translocalidades e traduções”¹ (ALVAREZ, 2014, p. 12). Nesse contexto, Teresa Carrillo tece uma crítica aos discursos dominantes postos em prática pelos governos dos EUA e de países terceiro-mundistas no que concerne à importação e exportação do trabalho doméstico desempenhado por mulheres imigrantes, e as formas pelas quais tais discursos colaboram para uma desvalorização desse trabalho. De forma análoga, Verónica Feliu apresenta, no capítulo 12, a questão da desvalorização do trabalho doméstico desempenhado no Chile por mulheres indígenas e por imigrantes peruanas e do “silêncio feminista” identificado nas tensões relativas a raça e classe que atravessam as relações entre empregadas domésticas e mulheres de classe média. Já os dois

capítulos seguintes discutem relações entre gênero, raça e representação feminina na relação de mulheres com seus corpos: no capítulo 13, Suzana Maia analisa a experiência de dançarinas brasileiras em clubes eróticos de Nova York e a forma como as negociações de identidade e representação que determinam suas relações com o próprio corpo são atravessadas por discursos que reforçam a condição da mulher brasileira como resultado de uma “mistura racial” e como objeto de desejo e satisfação sexual. Já no capítulo 14, Adriana Piscitelli analisa o contexto do turismo sexual em Fortaleza, no Ceará, e as estratégias performáticas de autorrepresentação e adaptação a uma demanda de consumo que se apoia em discursos opressivos que se baseiam em perspectivas sexualizantes da cultura brasileira.

Por fim, a quarta e última parte do volume se dedica a explicar “como e por que teorias e discursos específicos são ou não são traduzidos nas práticas políticas e culturais de feministas latinas nos EUA e feministas da América Latina” (ALVAREZ, 2014, p.14). No capítulo 15, Maylei Blackwell parte da noção de *translenguajes* (translínguas) para uma análise das possibilidades de articulação de diferentes movimentos feministas: o movimento das mulheres indígenas, o movimento das mulheres lésbicas no México e o movimento das feministas chicanas nos EUA. Já no capítulo 16, Pascha Bueno-Hansen analisa como a tradução e o deslocamento de termos-chave como *lesbianas* e *queer* têm o potencial de abertura de espaços de nos quais assimetrias de poder político podem ser negociadas, na medida em que fluxos

¹ Esta e outras traduções de trechos do livro foram realizadas por mim.

transculturais possibilitam alianças entre movimentos de feministas lésbicas e *queer* nos dois hemisférios do continente americano. No capítulo 17, Ester R. Shapiro explora a prática tradutória – mais especificamente, sua experiência como organizadora de um projeto de adaptação de uma obra representativa das discussões feministas em torno da saúde para o espanhol – como lugar privilegiado para a prática de políticas feministas de ação coletiva e solidariedade. No capítulo 18, Victoria M. Bañales analisa diferentes experiências de tradução do volume I, *Rigoberta Menchu: An Indian Woman in Guatemala*, bem como as controvérsias geradas em torno dessas empreitadas de tradução, para propor questões relativas aos motivos pelos quais determinados marcadores e elementos referentes ao gênero são pouco explorados nesses movimentos de tradução, em comparação a dimensões como raça, classe e etnia. Já no capítulo 19, Agustín Lao-Montes e Mirangela Buggs analisam como discursos e práticas antirracistas emergentes em movimentos de afro-latin@s constituem práticas libertadoras em relação ao passado histórico da diáspora africana nas Américas e a discursos opressivos e patriarcais que se constroem em torno de conceitos de latinidade. Concluindo a parte IV e o volume, Millie Thayer parte, no capítulo 20, de suas experiências e tentativas de tradução de grupos feministas transnacionais para o público acadêmico para evidenciar o potencial da tradução cultural como ferramenta de ruptura com discursos opressivos e de elaboração de alianças entre movimentos políticos feministas transnacionais.

Com efeito, a articulação conceitos e análises que emergem de forma crítica a partir de das quatro diferentes perspectivas que compõem o volume – movimentos de deslocamento que permitem diferentes perspectivas em torno de questões identitárias; discursos, instituições e outros tipos de *checkpoints* que podem favorecer ou obstruir fluxos de teorias feministas através de fronteiras nacionais; a experiência migrante através das fronteiras nacionais; e a efetividade da tradução de teorias feministas como possibilidade de articulação e aliança entre movimentos de resistência localizados no norte e no sul da América – oferece, neste volume, um vasto e rico panorama a partir do qual se aprofundam discussões em torno dos feminismos no continente e se vislumbram novas possibilidades de aliança política. Mais especificamente, esta obra, enquanto resultado de um trabalho crítico, desenvolvido de forma brilhante por esse grupo de feministas (autoproclamadas *translocas*), em diversos momentos avança e dá continuidade à discussão proposta por Cherríe Moraga e Gloria Anzaldúa na década de 1980, com *This Bridge Called My Back*, apresentando, de forma única na literatura dos estudos e das teorias de tradução, uma extensa e ampla discussão da tradução enquanto lugar de ação política feminista. Dessa forma, o volume se revela uma fonte inesgotável de reflexões e questionamentos que pode beneficiar não apenas pesquisas relacionadas aos estudos feministas, mas também estudos do campo de tradução que buscam superar os tradicionais modelos tradutórios provenientes do século XIX, a partir de perspectivas e práticas transversais

e multidirecionais como as propostas pelas autoras desta obra.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia E.; COSTA, Claudia de Lima; FELIU, Verónica; HESTER, Rebecca J.; KLAHN, Norma; THAYER, Millie. **Translocalities/ Translocalidades: Feminist Politics of Translation in the Latin/a Américas**. Durham: Duke University Press, 2014.

MORAGA, Cherríe; ANZALDÚA, Gloria. **This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color**. New York: Kitchen Table – Women of Color Press, 1983.

SAID, Edward. 'Travelling Theory,' in **The Edward Said Reader**, eds. BAYOUMI, Moustafa; RUBIN, Andrew. London: Routledge, 1982.

Recebido para publicação em 10 abril 2017.

Aceito para publicação em 15 de out de 2017.